



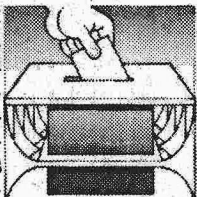
Jânio assume a Presidência no dia 31 de janeiro de 61: a vassoura chega ao Planalto

Rádio e TV substituem o comício em palanque

Contato pessoal com o eleitor deu a Jânio a vitória em 60. Hoje, vale a imagem no vídeo

GRAÇA RAMOS

BRASÍLIA — Televisão, pesquisas de opinião e computador: estes serão, certamente, três dos mais importantes instrumentos para a definição do sucessor do presidente José Sarney, nas eleições de novembro. Mas, o que foi predominante na escolha do último presidente eleito pelo voto direto, em 3 de outubro de 1960? “O contato pessoal dos candidatos com os eleitores, os comícios feitos quase diariamente”, responde o senador Pompeu de Sousa. O jornalista Carlos Castelo Branco concorda.



Diretor do jornal Diário Carioca, Pompeu era o “presidente” da campanha do general Henrique Lott, ministro de Guerra de Juscelino Kubitschek, lançado pelo PSD em coligação com o PTB e apoiado pelo proscrito PCB. Castelinho era o jornalista encarregado de acompanhar, pelo mesmo jornal e pela revista O Cruzeiro, a campanha do candidato da UDN, PDC e PL, Jânio Quadros. “A singular capacidade de comunicação de Jânio com o povo foi definitiva”, explica o hoje ministro da Cultura, José Aparecido, naquela época secretário

rio-executivo do vitorioso Jânio.

No Brasil de 1960 ainda havia outro candidato: Ademar de Barros, ex-interventor do Estado Novo em São Paulo, lançado pelo PSP. Para 66 milhões de brasileiros existiam apenas 1.500 aparelhos de televisão. As emissoras eram localizadas,

A eleição de 1960



Eleitores:	15 543 332
Compareceram:	12 586 354
Jânio Quadros:	5 636 623
Henrique Lott:	3 846 825
Adhemar de Barros:	2 195 709
Votos nominais:	11 679 157
Votos brancos:	433 391
Votos nulos:	473 806
Vice presidente	
João Goulart:	4 547 010
Milton Campos	
(vice original de Jânio):	4 237 719
Fernando Ferrari	
(dissidente do PTB)	2 137 382

não integravam redes e não havia propaganda eleitoral gratuita. Os candidatos apareciam apenas nos noticiários ou no programa Noite de Gala, de Flávio Cavalcanti, na TV Rio. A única pesquisa eleitoral consistia de prognósticos empíricos de um

paulista chamado Albano. O País crescia ao ritmo da bossa nova. “O rádio transmitia comícios ao vivo e já conseguia eleger vereadores, como Ari Barroso, no Rio Janeiro, e prefeitos”, conta Castelinho. O plano de metas de Juscelino animava a população. A expectativa de vida dos brasileiros era de 52 anos. Circulavam 192 jornais e, em todo o País, funcionavam 1.854 bibliotecas. O Cruzeiro tinha uma tiragem de 700 mil exemplares, a renda per capita era de 46 cruzeiros e a capacidade instalada de energia elétrica não passava dos 4.800 megawatts.

OUTRO CENÁRIO

Quase 30 anos depois, mais de 25 milhões de aparelhos de TV, interligados em poderosas redes nacionais, invadem os lares de 130 milhões de brasileiros. A expectativa de vida subiu para quase 60 anos. A capacidade elétrica instalada está em 48 mil megawatts. A renda per capita, chega aos 1.974 dólares. Existem no País 21 mil bibliotecas, 1.600 periódicos e o voto aos 16 anos já é permitido. Cerca de 82 milhões de eleitores escolherão o novo presidente, agora em dois turnos.

Os militares estão ausentes do atual processo eleitoral. “Eles ainda não encontraram uma alça para segurar”, observa Castelinho. E todos os candidatos têm agora uma poderosa aliada e/ou adversária: a mídia eletrônica. “A onipresença televisiva do candidato é quase decisiva. Só nos resta torcer para que os eleitores estejam imunizados contra os embustes eletrônicos”, conclui Pompeu.